

# AUSÊNCIAS E EMERGÊNCIAS NA RELAÇÃO ENTRE AS TEORIAS DA EDUCAÇÃO FÍSICA E AS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA

Osni Oliveira Noberto da Silva<sup>6</sup>  
Miguel Angel Garcia Bordas<sup>7</sup>

## RESUMO

Este artigo tem como objetivo trazer à tona a discussão sobre as teorias da Educação Física e a inclusão de alunos com deficiência na escola. Entretanto, ao concentrarmos nosso olhar para as teorias da Educação Física percebemos que existe pouca produção do conhecimento nessa temática, no que diz respeito aos estudos no trato com as pessoas com deficiência. Entendemos que essas discussões precisam ser trazidas, haja vista a demanda crescente da educação de pessoas com deficiência que urge em nossos tempos. Desse modo, é iminente que novas pesquisas sejam feitas no sentido de conciliar as já clássicas abordagens da Educação Física escolar com as questões contemporâneas.

**Palavras-chave:** Educação Física, prática pedagógica, inclusão

## ABSTRACT

This paper aims to bring to light the discussion of the theories of Physical Education and the inclusion of students with disabilities in school. However, by focusing our attention to the theories of Physical Education we realize there is little production of knowledge on this subject, with regard to studies in dealing with people with disabilities. We believe that these discussions need to be brought, given the growing demand of education of people with disabilities is urgent in our times. Thus, it is imminent that further research be done to reconcile the already classical approaches of School Physical Education with contemporary issues.

**Keywords:** physical education, teaching practice, inclusion

---

<sup>6</sup> Mestre em Educação pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Professor do Departamento de Ciências Humanas da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) Campus IV. Líder do Grupo de Estudos, Pesquisa e Extensão em Educação Especial e Educação Física Adaptada (GEPEFA/UNEB) e integrante do *Grupo de pesquisas em Educação Inclusiva e Necessidades Educacionais Especiais* (GEINE/UFBA). E-mail: osni\_edfísica@yahoo.com.br.

<sup>7</sup> Doutor em Filosofia pela Universidad Complutense de Madrid (UCM), Professor do Programa de Pós-graduação em Educação (UFBA). Integrante do *Grupo de pesquisas em Educação Inclusiva e Necessidades Educacionais Especiais* (GEINE/UFBA). E-mail: magbordas@gmail.com

## **Introdução**

Ao tentar rastrear a bibliografia relacionada com a Educação Física e o trato com alunos com deficiência, percebe-se que os estudos neste campo têm demonstrado um rápido crescimento no interesse dos pesquisadores, já sendo detentor de significativa quantidade de trabalhos produzidos nos últimos anos.

Entre as dissertações, teses e artigos encontrados, desde o ano de 2005, relacionados com este binômio, professores de Educação Física e alunos com deficiência em escolas regulares, percebem que alguns temas aparecem com mais frequência, entre os quais cabe destacar: aptidão física de alunos com deficiência (GORGATTI, 2005); currículo e formação de professores de Educação Física para o trabalho com alunos com deficiência (LUNA, 2005; SILVA, 2005; GOMES, 2007); a intervenção do professor de Educação Física com alunos com deficiência em escolas regulares (SEABRA JUNIOR, 2006; MEDEIROS E FALKENBACH, 2008; SILVA E SILVA, 2009; GONÇALVES, 2009; RIBEIRO, 2009, DUARTE, 2011; FIORINI, 2011; SILVA, 2011); concepção de professores de Educação Física sobre deficiência e/ou inclusão (FALKENBACH ET AL, 2007; OLIVEIRA, 2007; SILVA, 2008; GORGATTI E ROSE JUNIOR, 2009; CONCEIÇÃO ET AL, 2010; FONSECA E SILVA, 2010).

Entretanto, ao concentrarmos nosso olhar para as teorias da Educação Física percebemos pouca produção do conhecimento nessa temática, no que diz respeito aos estudos no trato com as pessoas com deficiência. Deste modo, o objetivo deste texto é trazer à tona esta discussão sobre as teorias da Educação Física e a inclusão de alunos com deficiência na escola.

## **Aspectos históricos da formação em Educação Física para o trato com pessoas com deficiência**

Antes de debatermos a relação entre a Educação Física e as pessoas com deficiência, parece importante tratarmos um pouco da história da formação em Educação Física no Brasil, pois ajudará na discussão.

Segundo Oliveira (2007), os problemas existentes na formação profissional da Educação Física e a clareza no seu objeto de estudo vêm sendo discutidos desde a criação do primeiro curso da área no Brasil em 1934.

Intensamente influenciados pela área médica e militar, os cursos de Licenciatura em Educação Física da época tendiam a formar professores fundamentados intensamente em uma base biológica, tendo como referência um ser humano padrão e que não levava em consideração toda a diversidade biopsicossocial dos indivíduos, o que para Oliveira (2007) acabou por assustar os egressos destes cursos quando se confrontavam com o trabalho com alunos com deficiência.

Devemos perceber que este caso da Educação Física não é um fator isolado, porque na época a Educação para pessoas com deficiência tinha um caráter muito forte ligado à medicina e às terapias que tentavam colocar os indivíduos com deficiência o mais próximo possível do padrão de “normalidade”.

As pessoas com deficiência sofriam frequentemente quando tentavam se apropriar das práticas corporais. Isto porque, segundo Oliveira e Santos (2004), as práticas esportivas, culturais e de lazer da época levava em consideração apenas a relação saúde-doença, de forma que aqueles que não alcançavam os rendimentos considerados dentro da qualidade de “saudável” eram vistos como incapazes, gerando desprezo e esquecimento.

Um dos grandes exemplos desta discriminação é citado por Carmo (1994), que explica que em 1938 o ministério da Educação redigiu uma portaria estabelecendo “a proibição de matrícula em estabelecimento de ensino secundário, de alunos cujo estado patológico os impeça permanentemente das aulas de Educação Física” (p. 31).

Outros exemplos discriminatórios incluíam os atestados médicos de liberação das aulas de Educação Física na escola que era dado aos alunos que eram considerados “inaptos”, além dos testes práticos que eram incluídos junto com o tradicional vestibular das Universidades, usados como componente de admissão nos cursos superiores de Educação Física e serviam como barreira para o acesso de todos que não comprovavam estar no padrão de rendimento físico estabelecido (DARIDO et al, 1995).

Isso começa a mudar a partir da década de 80 do século XX quando os estudos na área de Educação Física voltados para as Ciências Humanas e Sociais se intensificam. É o período conhecido como a “crise”, onde segundo os autores da época começam a “refletir sobre a Educação Física não somente como atividade técnica ou biológica, mas a encaram como fenômeno psicológico e social” (BRACHT, 1996 apud DAOLIO, 1998, p. 78)

A crise da Educação Física da década de 80 está situado historicamente no período de redemocratização do Brasil, atrelado também, as lutas de diferentes grupos sociais que almejavam maior participação política e social, considerados minoria e que eram historicamente marginalizados, incluídos aí os movimentos de inclusão das pessoas com deficiência.

Desta forma o modelo de Educação Física vigente perde sentido, da mesma forma que o sistema educacional da época, dentro das necessidades sociais e do processo histórico ao qual o Brasil passava como é explicado por Oliveira (2007):

O que se percebia desde a década de 1980 na formação profissional e na produção científica da área era a predominância de uma concepção tradicional e tecnicista, de concepções curriculares questionáveis do ponto de vista dos avanços científicos e tecnológicos e, principalmente, que não atendiam às necessidades sociais. Na maioria das vezes, a estrutura curricular dos cursos estava preparada para formar o professor com uma ação meramente técnica, de executar e condicionar fisicamente seus alunos (OLIVEIRA, 2007, p. 27-28).

Um dos frutos desta “crise de identidade” e discussões se materializou através da resolução 03/1987, do até então Conselho Federal de Educação. Nessa resolução as demandas da sociedade e as exigências profissionais da área de Educação Física foram revisadas e surge oficialmente no Brasil a exigência de que os cursos deveriam implantar pelo menos uma disciplina em seus currículos que discutissem as temáticas referentes às pessoas com deficiência.

Segundo Mauerberg (1992), apesar de significativa, esta exigência chegou muito mais tarde que em outros países, tais como os Estados Unidos que já possuíam desde a década de 50 do século XX uma política de estruturação educacional que incluía a Educação Física para pessoas com deficiência como um assunto prioritário na Educação Especial.

Se por um lado esta situação fez com que a partir daí praticamente todos que se formaram na área tiveram algum contato com o tema da deficiência, por outro lado, esta nova temática dentro dos cursos de formação em Educação Física expôs a falta de preparo dos professores para ministrar essa disciplina nos cursos de graduação, revelando as fragilidades da formação, na preparação de professores para trabalhar com a diversidade (RIBEIRO, 2004). Ideia que também é corroborada por Lunna (2005).

Os formadores de professores não se debruçam em renovar estratégias, estabelecer novas formas de selecionar conteúdos, entre outros conhecimentos que um licenciado deve ter, para atender os deficientes, não se dão conta que isto é uma forma de aceitar que o deficiente é que deve se moldar (LUNNA, 2005, p. 76).

Segundo Silva (2005) não existe uma padronização no ensino da Educação Física adaptada nos cursos de formação, o que é agravado por se tratar, na maioria das vezes, de uma disciplina com conteúdo desarticulado das demais.

Como forma complementar, algumas instituições desenvolvem pesquisas e atividades de extensão no âmbito da Educação Física Adaptada, porém, como nem todas as instituições de ensino superior possuem tal iniciativa e como geralmente se trata de uma atividade extracurricular, nem todos os alunos têm este contato.

Apesar disto, esta nova área de conhecimento aos poucos começou a se desenvolver surgindo assim o novo campo de estudos denominado de Educação Física Adaptada (CIDADE; FREITAS, 1997).

Ela não se diferencia da Educação Física convencional em seus conteúdos, mas compreende todo um processo de atuação docente, envolvendo metodologias e técnicas que podem ser aplicadas à pessoa com deficiência, visando atender à necessidade dos alunos e ao mesmo tempo respeitando suas diferenças individuais (DUARTE; WERNER, 1995).

### **Teorias da Educação Física na escola e seu olhar sobre as pessoas com deficiência**

A partir da já citada “crise” da Educação Física na década de 80, muitos estudos foram desenvolvidos na área, propondo diferentes teorias ou abordagens pedagógicas no âmbito escolar. O grande mérito destas novas concepções foi apresentarem entendimentos próprios acerca do objeto de estudo da Educação Física, além de proposições de objetivos, metodologias e avaliações das aulas (SOUZA JÚNIOR, 1999).

Atualmente existem diversas abordagens da Educação Física, muito por conta das disputas existentes “pela hegemonia no pensamento pedagógico e científico da Educação

Física, como também, a construção de seu campo acadêmico” (AZEVEDO; SHIGUNOV, 2000, p. 1).

Estas inúmeras concepções de Educação Física, com suas teorias e práticas de intervenção, são na verdade as materializações de diferentes projetos políticos de sociedade, de educação e de professor (PALAFOX; NAZARI, 2007).

Entretanto, apresentaremos apenas as abordagens consideradas propositivas sistematizadas, que de acordo com Castellani Filho (1999) são as que definiram princípios norteadores de uma nova proposta e sistematizaram metodologias de ensino para a Educação Física escolar.

A primeira delas é a concepção chamada Crítico - superadora surgida oficialmente em 1992 através da publicação de sua principal obra, o livro Metodologia do Ensino de Educação Física, conhecido mais popularmente nos meios acadêmicos da área como “Coletivo de autores” (SOARES ET AL, 1992).

Ela tem como área base a Sociologia política, discute a Educação Física no âmbito do materialismo histórico dialético, propõe um ato de ensinar que dá ênfase a criar as possibilidades de sua produção crítica, indo contra a ideia de mera transferência ou repetição de conhecimentos (AZEVEDO; SHIGUNOV, 2000).

Esta abordagem busca um ensino baseado na transformação social onde a prática pedagógica se baseia na leitura da realidade a partir da crítica social dos conteúdos, como citam Soares et al (1992, p. 40).

A expectativa da Educação Física escolar, que tem como objetivo a reflexão sobre a cultura corporal, contribui para a afirmação dos interesses de classe das camadas populares, na medida em que desenvolve uma reflexão pedagógica substituindo individualismo, cooperação confrontando a disputa, distribuição em confronto com apropriação, sobretudo enfatizando a liberdade de expressão dos movimentos – a emancipação –, negando a dominação e submissão do homem pelo homem.

Esta abordagem é muito popular nos cursos de Licenciatura em Educação Física nas Universidades públicas do nordeste brasileiro, pois proporciona um caminho educativo mais condizente com a situação sócio - econômica da maioria dos alunos das escolas públicas da região.

Em contraponto, a outra abordagem, chamada de Aptidão Física, alicerçada na ciência positivista, tem como principal objetivo conscientizar os alunos sobre os benefícios da atividade física, como cita Nahas (1998, p.2):

[...] no contexto das sociedades industrializadas e em desenvolvimento, o estilo de vida e, em particular, a atividade física, tem, cada vez mais, representado um fator de qualidade de vida tanto quanto relacionada à saúde das pessoas de todas as idades e condições socioeconômicas, estando associada a maior capacidade de trabalho físico e mental, mais entusiasmo para a vida e sensação de bem estar, menores gastos com a saúde, menores riscos de doenças crônicas degenerativas e mortalidades precoces.

Ela considera importante uma prática pedagógica dos professores voltada para a promoção da saúde, de forma que possam propiciar aos alunos alguma proteção aos distúrbios orgânicos gerados por um estilo de vida sedentário (AZEVEDO; SHIGUNOV, 2000).

Guedes e Guedes, (1993) entendem que esta abordagem visa não apenas situações que levem as crianças e jovens a se tornarem mais ativos fisicamente, mas sim que os conduzam a preferirem, em seu futuro como adultos, por um estilo de vida ativo. Além disto:

Considera de fundamental importância a promoção da prática prazerosa de atividades que conduzam ao aperfeiçoamento das áreas funcionais: resistência orgânica ou cardiovascular; flexibilidade; resistência muscular e a composição corporal como fatores coadjuvantes na busca de uma melhor qualidade de vida por meio da saúde (GUEDES; GUEDES, 1993 p. 4).

Ao contrário da abordagem anterior, esta foi constituída e mais difundida nos estados do sul do Brasil que possuem características socioeconômicas diferentes do resto do país, o que corrobora com as ideias de Azevedo e Shigunov (2000) onde entendem que apesar das diferentes abordagens terem dado grande contribuição para a Educação Física escolar, elas isoladamente, “são concepções com limitações, pois entende-se que uma abordagem prescinde de elementos teóricos vinculados ao contexto sócioeducacional em que se faz inserida” (p. 9).

Entretanto, Gonçalves (2009) ao estudar as propostas metodológicas contidas nas diferentes abordagens, concluiu que elas não apresentam contribuições suficientes para com o trato com os alunos com deficiência nas aulas de Educação Física na escola.

Pertencimento de classe social, emancipação humana, pedagogia dialógica, crítica à hegemonia esportiva, Educação Física para além da prática pela prática, qualidade de vida, promoção da saúde. Enfim, temos aí um farto leque de conceitos, de imenso valor, mas particularizado para as aulas que não precisam preocupar-se com a relação entre alunos com deficiência e alunos sem deficiência. Temos propostas cuidadosamente pensadas e comprometidas com as dimensões estética, cultural, política, social, subjetiva, de saúde pública, todas atreladas a uma mesma disciplina que tem por excelência em seu trabalho o movimento. No entanto, todos os compromissos supracitados parecem inacessíveis aos alunos com prejuízos motores e/ou mentais e/ou sensoriais. O requinte e o refinamento que se constituem ao longo dos debates (sejam eles da área pedagógica ou da área da saúde) passam longe das pessoas com histórico de deficiência. (GONÇALVES, 2009, p.97)

Mesmo que possivelmente os autores das diferentes abordagens não tenham originalmente levado em consideração o debate da inclusão de pessoas com deficiência, alguns autores como Chicon (2003) apresentam estudos acerca da prática pedagógica nas aulas de Educação Física com vistas à inclusão, baseado na abordagem crítico-superadora.

Em seu trabalho, o autor demonstra que a abordagem citada pode vir a ter grandes possibilidades educativas, com vistas a uma “Educação Física pensada sob o enfoque multicultural, visando a atender as diferenças, porque permite a expressão da criança em seu próprio ritmo, tendo suas características individuais respeitadas” (CHICON 2003, p.4).

Já Rodrigues (2002) questiona os Parâmetros Curriculares Nacionais da Educação Física, pois para o autor existe uma tentativa, explicitada no documento, de consenso entre as diferentes abordagens que tratam da Educação Física na escola. Soares (1997) vai além e esclarece que o documento incorpora na aparência elementos de várias abordagens, porém fica explícito a preferência por uma quando é analisada a metodologia, os conteúdos e a relevância social.



Para Chaves et al (2007), o trabalho do professor de Educação Física sempre terá margem para a exclusão enquanto estiver baseado no ensino do movimento sem a ampliação do seu significado para além do próprio movimento.

A práxis do professor sempre tem uma decisão política e uma visão própria de mundo. O conceito de práxis utilizado vem de Freire (2010) que a define como a “teoria do fazer” (p. 146), de modo que “sendo reflexão e ação verdadeiramente transformadora da realidade, é fonte de conhecimento reflexivo e criação” (p. 106).

Diante disto, o professor deve entender que os conteúdos ministrados por ele precisam ter relevância na vida dos seus alunos, pois como atores sociais, têm sua ação influenciada culturalmente. Desta maneira os professores, em sua prática docente propagam “determinados valores e concepções de acordo com os contextos culturais no qual se constituíram, com a preparação profissional a qual tiveram acesso, com o contexto educativo em que trabalham, entre outros”. (OLIVEIRA, 2007, p. 31)

No sentido de ampliar a discussão acreditamos que a Educação Física trabalha com algo muito importante, que é o movimento humano. O ser humano é um ser em movimento, de modo que quando se movimenta, coloca em funcionamento formas de expressão complexas, que são histórico e socialmente compartilhadas (RECTOR; TRINTA, 1990). Desta maneira o corpo se comunica, e esta comunicação, por ser uma necessidade básica do homem social acaba por se confundir com a própria vida. Ideia que é reforçada nas palavras de Seybold (1994):

Quanto mais claramente se considerar a missão educativa da educação física, tanto mais importante se tornarão os fatores psíquicos, a evolução da forma de aprender e pensar da criança, dos interesses dos jovens, das formas de ação e de sociabilidade (SEYBOLD, 1994, p. 18).

Deste modo uma educação pelo movimento, beneficia um desenvolvimento humano que permite se situar e agir no mundo em transformação, permitindo-lhe ao ser humano a conquista de si mesmo (BRUNS, 1994).

### **Considerações finais**

Assim, acreditamos que a Educação Física enquanto disciplina curricular da escola tem como principal objetivo ensinar o aluno (com deficiência ou não) a utilizar o

seu próprio corpo, incentivando a conhecer suas limitações e explorar suas possibilidades, através da flexibilidade dos conteúdos, adaptações das necessidades individuais, trocas de experiências corporais, culturais e de comunicação.

O aluno com deficiência deve ter oportunizadas vivências, com situações que o estimule a decidir sobre suas ações e assim, desenvolver sua capacidade de iniciativa perante o seu processo de adaptação ao mundo, possibilitando a ter consciência de sua condição, de forma a compreender as contradições existentes em uma sociedade que não está preparada para ele, e assim instrumentalizá-lo intelectualmente com vistas a buscar superar tais contradições, como nos esclarece Darido (2001):

[...] o papel da Educação Física ultrapassa o ensinar esporte, ginástica, dança, jogos, atividades rítmicas, expressivas e conhecimento sobre o próprio corpo para todos, em seus fundamentos e técnicas (dimensão procedimental), mas inclui também os seus valores subjacentes, ou seja, quais atitudes os alunos devem ter nas e para as atividades corporais (dimensão atitudinal). E, finalmente, busca garantir o direito do aluno de saber por que ele está realizando este ou aquele movimento, isto é, quais conceitos estão ligados àqueles procedimentos (dimensão conceitual) (p. 20).

Além disso, ensinar um aluno com deficiência junto com os demais pode ser a estímulo necessário para que assuntos silenciados em sala de aula venham à tona e sejam discutidos, como por exemplo, as diferenças existentes entre as pessoas e as suas diferentes manifestações, tendo sempre o respeito ao outro como elemento balizador. Stainback et al (1999) prestam importantes contribuições acerca desta ideia:

A principal razão para a inclusão *não* é que os alunos previamente excluídos estarão necessariamente se tornando proficientes em socialização, história ou matemática, embora seja óbvio que nas turmas inclusivas há mais oportunidades para todos crescerem e aprenderem. Ao contrário, a inclusão de todos os alunos ensina ao aluno portador de deficiências e a seus colegas que todas as pessoas são membros igualmente valorizados da sociedade, e que vale a pena fazer tudo o que for possível para poder incluir todos na nossa sociedade. O modo previamente aceito de se lidar com as diferenças nas pessoas era a segregação, que comunica a mensagem de que não queremos aceitar todos e que algumas pessoas não são dignas de esforços para serem incluídas (p. 250).

Pelo exposto, o objetivo do texto foi fomentar a discussão sobre as teorias da Educação Física e a inclusão de alunos com deficiência na escola. É provável que os

autores clássicos da área não tinham a temática do ensino de alunos com deficiência e/ou necessidades especiais como um dos pilares das suas abordagens.

Apesar disso, estas discussões precisam ser trazidas, haja vista a demanda crescente da educação de pessoas com deficiência que urge em nossos tempos. Deste modo, é iminente que novas pesquisas sejam feitas no sentido de conciliar as já clássicas abordagens da Educação Física escolar com as questões contemporâneas.

## REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Edson Souza de. SHIGUNOV, Viktor. **Reflexões sobre as Abordagens Pedagógicas em Educação Física**. Revista Kinein, Florianópolis, v.1, n.1, set/dez/ 2000

BRASIL, CFE - **Resolução 03/87**, de 16 de junho de 1987, Brasília: Documenta 315/setembro, 1987.

BRUHNS, Heloisa Turini (org.). **Conversando sobre o corpo**. 5ª ed. Campinas, SP: Papirus, 1994.

CARMO, Apolônio Abadio do. **Deficiência Física: a sociedade cria, “recupera” e discrimina**. Brasília, DF: Secretaria dos Desportos/PR, 1994

CASTELLANI FILHO, Lino. **A Educação Física no sistema educacional brasileiro: percurso, paradoxos e perspectivas**. 1999. 185p. Tese (Doutorado em Educação) Universidade Estadual de Campinas.

CIDADE, R. E.; FREITAS, P. S. **Noções sobre Educação Física e Esporte para Pessoas Portadoras de deficiência**. Uberlândia, 1997.

CHAVES, Fernando Edi; FALKENBACH, Atos Prinz; NUNES, Dileni Penna; NASCIMENTO, Vanessa Flores do. **A inclusão de crianças com necessidades especiais nas aulas de Educação Física na educação infantil**. Revista Movimento, v.13, nº.02, p. 37-53, Porto Alegre, maio/agosto de 2007.

CHICON, José Francisco. **Jogos, brincadeiras e brinquedos populares: a mediação pedagógica do educador na perspectiva da inclusão**. In: Anais do XIII Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte. Caxambu – MG. 2003. págs. 1-7.

CONCEIÇÃO, Victor Julierme Santos da, SOUZA, Thiago de, KRUG, Hugo Noberto, **Saberes docentes e atuação profissional do professor de Educação Física no ensino regular com alunos com necessidades educacionais especiais incluídos**. EFDeportes.com, Revista Digital. Buenos Aires, Año 15, Nº 148, Septiembre de 2010. <http://www.efdeportes.com/>

DAÓLIO, Jocimar. **Educação Física brasileira: autores e atores da década de 1980**. Campinas, SP: Papirus, 1998

DARIDO, Suraya Cristina et al. **Vestibular em Educação Física: perspectivas de relacionamento com o primeiro e segundo graus**. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, nº 16, p. 108-112, 1995

DARIDO, Suraya Cristina. **Os conteúdos da Educação Física escolar: influências, tendências, dificuldades e possibilidades**. Perspectivas da Educação Física escolar. Rio de Janeiro, v. 2, n.1, p. 5-25, 2001.

DUARTE, Leonardo de Carvalho. **Ação pedagógica de professores de Educação Física em turmas inclusivas**. 2011. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal da Bahia.

DUARTE, E.; WERNER, T. **Conhecendo um pouco mais sobre as deficiências**. In: Curso de atividade física e desportiva para pessoas portadoras de deficiência: educação à distância. Rio de Janeiro: ABT: UGF, 1995, v. 3.

FALKENBACH, Atos Prinz et al, **A questão da integração e da inclusão nas aulas de Educação Física**, <http://www.efdeportes.com/> Revista Digital - Buenos Aires - Año 11 - Nº 106 - Marzo de 2007

FIORINI, Maria Luiza Salzani. **Concepção do professor de educação física sobre a inclusão do aluno com deficiência**. 2011, Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília – SP

FONSECA, Michele Pereira de Souza da, SILVA, Ana Patricia da, **O que é inclusão? Reflexões de professores acerca desse tema**. <http://www.efdeportes.com/> Revista Digital - Buenos Aires - Año 14 - Nº 140 - Enero de 2010

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 49ª reimpressão, Rio de Janeiro: Paz e terra, 2010

GONÇALVES, Gisele Carreirão. **Dos saberes da Educação Física escolar e suas (im) possibilidade de práticas inclusivas para alunos com histórico de deficiência**. Dissertação (mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

GORGATTI, Márcia Greguol. **Educação Física escolar e inclusão: uma análise a partir do desenvolvimento motor e social de adolescentes com deficiência visual e das atitudes dos professores**. 2005. 189p. Tese (Doutorado em Educação Física) Universidade de São Paulo.

GORGATTI, Márcia Greguol; ROSE JÚNIOR, Dante de. **Percepções dos professores quanto à inclusão de alunos com deficiência em aulas de Educação Física**. Movimento, Porto Alegre, v. 15, n. 02, p. 119-140, abril/junho de 2009

GUEDES, D. P. GUEDES, J. E. R. P. **Subsídios para implementação de programas direcionados à promoção da saúde através da Educação Física Escolar.** Revista da Associação de Professores de Educação Física de Londrina. V.8, n.15 p:3-11. 1993

GOMES, Nilton Munhoz. **Análise da disciplina Educação Física Especial nas Instituições de Ensino Superior públicas do estado do Paraná.** 2007. Tese (Doutorado em Educação Física) Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

LEHNHARD, Greice Rosso, PERAZZOLLO, Liana Urach, MANTA, Sofia Wolker, PALMA, Luciana Erina. **A inclusão de alunos com deficiência em escolas públicas e em aulas de Educação Física: um diagnóstico.** <http://www.efdeportes.com/> Revista Digital - Buenos Aires - Año 14 - N° 139 - Diciembre de 2009

LUNA, Christiane Freitas, **Educando para a diferença: análise crítica do conhecimento sobre pessoas com necessidades especiais nos currículos dos cursos de educação física,** 2005. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado da Bahia.

MAUERBERG, E. **A disciplina Educação Física Adaptada nos currículos de formação profissional.** In: IV Simpósio Paulista de Educação Física Adaptada. São Paulo: USP/EEFUSP, 1992. p.60-62

MEDEIROS, Juliana, FALKENBACH, Atos Prinz, **A relação professora/aluna com necessidades especiais nas aulas de Educação Física da escola comum.** <http://www.efdeportes.com/> Revista Digital - Buenos Aires, Año 12, N° 117, Febrero de 2008.

NAHAS, M. V. **Atividade Física, Aptidão Física e Saúde.** Florianópolis/SC: Material Didático. 1989

OLIVEIRA, João Danilo Batista de, **Concepções de deficiência: Um estudo das representações sociais dos professores de Educação Física no ensino superior.** 2007, Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Federal da Bahia. Salvador

OLIVEIRA, João Danilo B. SANTOS, Admilson. **As práticas corporais, a educação física e as pessoas com deficiência: mapeando o núcleo central da representação social.** Revista diálogos possíveis: Revista da Faculdade Social da Bahia, Salvador, ano 4, n. 2, jan/jun. 2004.

PALAFOX, Gabriel Humberto Muñoz, NAZARI, Juliano, **Abordagens metodológicas do ensino da Educação Física escolar.** [efdeportes.com.](http://www.efdeportes.com/) Revista Digital - Buenos Aires - Año 12 - N° 112 - Septiembre de 2007

RECTOR, M., TRINTA, A, R. **Comunicação do Corpo.** Série Princípios. Editora Ática. São Paulo, SP. 1990.

RIBEIRO, Sônia Maria. **A formação acadêmica refletindo na expansão do esporte adaptado: uma abordagem brasileira.** Revista brasileira de ciências do esporte, Campinas, v. 25, n.3, p. 57-69, maio, 2004.

RIBEIRO, Sônia Maria. **O esporte adaptado e a inclusão de alunos com deficiências nas aulas de educação física**. Piracicaba, 2009. 169f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Ciências Humanas – Programa de Pós-Graduação em Educação/ Universidade Metodista de Piracicaba.

RODRIGUES, A. T. **Gênese e sentido dos Parâmetros Curriculares Nacionais e seus desdobramentos para a Educação Física escolar brasileira**. Revista Brasileira de Ciências do Esporte. Campinas, vol. 23, n. 2, p. 135-147, jan. 2002.

SEABRA JÚNIOR, Luiz. **Inclusão, Necessidades Especiais e Educação Física: considerações sobre a ação pedagógica no ambiente escolar**. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação Física) Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, 2006.

SEYBOLD, A. **Educação Física Princípios Pedagógicos**. Rio de Janeiro, Ed. Ao Livro Técnico, 1994.

SILVA, Afonsa Janaina. **Esporte Educacional e Deficiência: encontros esportivos no contexto escolar**. 2008 Dissertação (Mestrado em Educação Física) Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

SILVA, Osni Oliveira Noberto da Silva. **Adaptações curriculares nas aulas de educação física para alunos com deficiência**. 2011. Monografia (Especialização em Educação Especial). Universidade Estadual de Feira de Santana.

SILVA, Tatiane, SILVA, Rita de Fátima da. **Metodologias utilizadas pelos professores de educação física escolar para inclusão de crianças com necessidades especiais**. Movimento & Percepção, Espírito Santo do Pinhal, SP, v. 10, n. 14, Jan./jun. 2009.

SOARES, Carmen Lucia et al. **Metodologia do ensino de educação física**. São Paulo: Cortez, 1992.

SOARES, C. L. **Parâmetros Curriculares Nacionais e a Educação Física Escolar**. In: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (org). Educação Física Escolar frente à LDB e aos PCNs. Ijuí/RS: Sedigraf. p:75-85. 1997.

SOUZA JÚNIOR, M. **O saber e o fazer pedagógicos: a Educação Física como componente curricular...? isso é história?** Recife: EDUPE. 1999.

STAINBACK, Susan. STAINBACK, William, STEFANICH, Greg, ALPER, Sandy. **Aprendizagem nas escolas inclusivas: e o currículo?** In: STAINBACK, S. STAINBACK, W. **Inclusão: Um Guia para Educadores**. Ed. Artmed (Tradução Magda França Lopes) Porto Alegre, Artes Médicas Sul, 1999.